

Cães de guarda



Por **EMILIANO JOSÉ***

A Carabina Turca na redação da Folha de São Paulo

O ex-reitor da Universidade Federal da Bahia, filósofo João Carlos Salles, publicou [artigo recente](#), indicando a pretensão das elites de acabar com a universidade pública. Abre o texto, publicado no site **A Terra é Redonda** abordando a posição do jornal *Folha de S. Paulo*, a fazer eco dos interesses mais conservadores em nosso País. Como diz o autor, o editorial, no título, sintetiza com rara felicidade o pensamento de tais elites: “Não haverá dinheiro que baste para universidade pública”.

O editorial é 23 de maio deste ano, mesmo dia da publicação do artigo de João Carlos Salles. A *Folha de S. Paulo* reagia ao manifesto conjunto da Academia Brasileira de Ciências e da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências, onde se criticava, o contingenciamento definido pelo governo federal, a favorecer o desmonte da universidade pública, logo após amenizado com medidas tomadas pelo Ministério da Educação, a assegurar apenas pudessem as instituições de ensino superior voltar a respirar.

Toda a pauta reacionária, cuja essência é não associar a universidade a um projeto de nação verdadeiramente democrática, aparece no texto. As universidades, projeto fracassado e caro. As bandeiras conservadoras brotam como se óbvias, expressando preconceitos, como elenca Salles: fim da estabilidade dos professores, da gratuidade do ensino e, sobretudo, da garantia do financiamento público da educação superior.

Tais medidas, obviamente inconsistentes, mas de grande apelo retórico. Trata-se de fornecer subsídios, alimento ao pensamento da extrema-direita, ao praticamente propor seja desmontado o lugar da produção da pesquisa e do conhecimento no Brasil.

Até aqui, como evidente, me apoiei inteiramente no texto de Salles, com título-síntese: “As elites querem o fim da universidade pública”. E o fiz usando-o como gancho, como se diz em jornalismo, para tratar de um livro fundamental, marco zero de uma profunda visão crítica em torno do grupo *Folha*, a desmascará-lo inteiramente, a evidenciar a posição de apoio à ditadura, não somente no discurso jornalístico diário, como também no compartilhamento de crimes, ao dar sustentação logística aos homens da repressão naquele período. Vem de longe, a tradição do grupo *Folha*.

Pesquisadora revelada

Essa revisitação é homenagem à autora, Beatriz Kushnir. O livro poderia chamar-se apenas *Cães de guarda*. Mas, conta com uma linha de apoio: *Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. Marcou época. Continua a marcar.

a terra é redonda

Revela uma dedicada, atenta pesquisadora, intelectual incapaz de esconder-se sob mantos de imparcialidade e ao mesmo tempo ancorada firmemente nos resultados de pesquisa rigorosa, sustentada em sólidos parâmetros acadêmicos.

Beatriz Kushnir desmonta vários mitos. Destaco um: a unidade de atuação dos jornalistas no combate à ditadura. Falso. Até porque a linha editorial nunca foi responsabilidade dos profissionais. Vinha de cima, sempre. Decisão empresarial.

Toda a imprensa brasileira, exceção feita à *Última Hora*, de Samuel Wainer, embarcou de mala e cuia no apoio ao golpe de 1964.

A autora não desconhece os jornalistas da resistência, a buscar caminhos, estreitos fossem, para fazer o combate à ditadura. Nem o papel de vários que se envolveram na luta direta. Houve, no entanto, jornalistas a colaborar com o regime militar, com gosto e disposição, sem qualquer culpa, e ela vai deparar, no trabalho de pesquisa, com uns tantos profissionais da área dedicados à censura, e não foram apenas estes os, vamos chamar assim, colaboracionistas.

O trabalho dela é voltado ao exercício dos censores, mas dizer isso seria muito pouco. Vai muito além. E nesse muito além, dissecou o grupo *Folha*, a evidenciar o quanto foi essencial no apoio à ditadura militar, no quanto se confundiu com os militares, cúmplice dos crimes cometidos pelo regime militar.

Jornal de maior tiragem

Beatriz Kushnir saltou à memória porque, nos últimos meses, houve iniciativas onde a *Folha* aparece como protagonista. Uma delas, o livro *A serviço da repressão: Grupo Folha e violações de direitos na ditadura*, de vários autores, chegado às minhas mãos graças à gentileza da querida amiga e historiadora, Maria Cláudia Badan Ribeiro. Com autógrafos gentis de Ana Paula Goulart Ribeiro e Flora Daemon, duas das seis autoras.

Há outras iniciativas, e não só publicações. Não são inéditas. Nem por isso, deixam de ser importantes. Saúdo, sinceramente, o surgimento desses esforços recentes, voltados à nossa memória histórica, especialmente os dedicados ao jornalismo e à Folha, de modo particular.

Ressalto, no entanto, enfaticamente: a primeira vez em que o grupo *Folha*, de modo consistente, é denunciado como cúmplice da ditadura, teve como protagonista Beatriz Kushnir. E a publicação da primeira edição tem mais de 20 anos, março de 2004. A ninguém, interessado no assunto, é dado desconhecer.

E não um livro qualquer. Denso estudo, de mais de 400 páginas. A mim, como professor de jornalismo e como militante político, foi de extraordinária serventia. Por ele, aprendi. Com ele, ensinei. Ao longo de meus muitos anos de pesquisa jornalística, me vali tantas vezes do livro de Beatriz Kushnir. Por tudo isso, considerei necessário contribuir para repor a publicação no lugar merecido.

Trabalho-âncora de todo esse esforço de memória para revelar um lado sombrio de nossa imprensa, neste caso com o grupo *Folha* no centro dos acontecimentos. Ignorar isso, esquecer isso, para mim, seria imperdoável.

Meu maior interesse, aqui, é o capítulo quarto das mais de 400 páginas do livro. Não discutirei os censores, ou o farei pelo caminho da observação em torno da atuação do próprio grupo *Folha*. O título do capítulo é por si, instigante: “O jornal de maior tiragem: a trajetória da Folha da Tarde”.

Não precisa dizer, mas digo: tiragem aqui diz respeito a tiras, ao número de policiais presentes no jornal da segunda fase dele. Vocês entenderão, na sequência.

a terra é redonda

Nesse capítulo, a grupo *Folha* resta nu, exposto como nunca antes, de modo consistente, como um aliado incondicional da ditadura. Nesse capítulo, assiste-se ao surgimento da *Folha da Tarde*, pertencente ao grupo.

Num primeiro momento, como publicação extremamente progressista, por razões mercadológicas, a competir com o *Jornal da Tarde*, do grupo Estadão, da família Mesquita.

Carabina turca

Surgido em 1967, no segundo semestre, em plena efervescência do movimento estudantil, e dando todo apoio às lutas contra a ditadura, com coberturas ousadas, raras no período, inclusive participação de jornalistas envolvidos com a luta armada, sofre reviravolta à chegada do AI-5, em dezembro de 1968.

A virada decisiva do jornal, no entanto, definitiva, a transformá-lo num órgão oficial da ditadura e a reafirmar o título de jornal de maior tiragem, ocorre em 19 de junho de 1969, quando o redator-chefe passa a ser Antônio Aggio e os colegas dele, de extração nitidamente policial.

Antônio Aggio, além de funcionário da Secretaria de Segurança Pública, era afilhado do coronel Antônio Lepiane, comandante do 4º Regimento de Infantaria de Quitaúna, em Osasco, a partir de 1967, de onde desertou Carlos Lamarca, em janeiro de 1969 - sobre Lamarca, eu e Oldack de Miranda escrevemos livro.

O grupo *Folha* era a casa dos homens da ditadura, em São Paulo. Nos almoços de aniversário do jornal, podiam ser encontrados o coronel Lepiane e Erasmo Dias, o governador Paulo Maluf, os delegados do Deops paulista Celso Telles e Romeu Tuma, lado a lado com os proprietários do grupo *Folha* e todos os editores dos jornais da empresa, entre tantas figuras representativas do regime militar, fardados ou não. Uma convivência de parceiros, amigos, mesmos ideais - os ideais da ditadura.

Antônio Aggio, ao assumir a *Folha da Tarde*, pretendeu imprimir uma linha editorial exatamente oposta ao do período anterior, sob a direção de Jorge Miranda Jordão, com ênfase agora à cobertura policial, praia dele. Foi montado um cuidadoso sistema interno de autocensura, dispensando-se assim qualquer intervenção da ditadura. Era como se dissessem aos militares: deixem com a gente. E podiam deixar. E deixaram. Eram amigos, parceiros.

De uma hora pra outra, a publicação torna-se de extrema-direita. E nada acontece de uma hora pra outra, sabemos. O grupo *Folha* apenas revelava a real natureza dele. Viveu-se um clima pesado na redação. Época de prisões, armas nas gavetas ou à vista nas mesas. O clima de terror, vivido ali, sob o comando de Antônio Aggio: ele não fazia questão de esconder o estojo trazido com ele. Bonito. Parecia um violão. Engano. Dentro, uma carabina turca.

O secretário-geral, Horley Antônio Destro, exibia uma automática. Gostavam de armas: argumentos deles. Carlos Dias Torres, chefe de reportagem, era relações públicas do IV Comando Aéreo Regional, da Aeronáutica. Gostavam de militares: amigos íntimos.

Manchetes do terror

Havia de parte do novo jornal uma acentuada preocupação com os atos de terrorismo.

a terra é redonda

A bem da verdade, o primeiro grande ato da esquerda armada ocorre poucos meses depois do homem da carabina turca assumir: sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969.

Tal ação endureceu as práticas de repressão do regime militar e radicalizou, pela direita, as manchetes da *Folha da Tarde*, sob a direção de Antônio Aggio.

Manchetes terríveis, e nós não vamos detalhar cada uma. Lembrar uma ou outra como exemplo, todas presentes no livro de Beatriz Kushnir.

“Honras militares para a vítima de Marighella”, 8/11/1969, enterro da investigadora Stela Borges Morato, baleada por policiais no cerco a Marighella.

“Oban desmantela quadrilhas do terror”, 28/11/1970, sobre mais de 320 militantes políticos presos.

“Chantagem sexual é arma do terror”, sobre Solange Lourenço Gomes, que se entregou à repressão e depois suicidou-se, de 28/7/1971. É personagem do livro *Lamarca, o capitão da guerrilha*.

“Eis os assassinos e inimigos do povo”, de 28/9/1971, com fotos de militantes procurados, aqui atuava lado a lado com a repressão.

Beatriz Kushnir sustenta a existência de inúmeras atitudes de alinhamento da *Folha da Tarde* com os governos pós-AI-5.

A fama de jornal de “maior tiragem”, como já se viu, absolutamente verídica, dado o número de policiais dentro da redação, confundindo-se uma e outra atividade, a de jornalista e de tira. Jornalistas-policiais envolvidos numa autêntica “guerra santa”, ao lado da ditadura, na gestão do trio Antônio Aggio, Horley Antônio Destro e Carlos Dias Torres.

Beatriz Kushnir tem o mérito de expor as vísceras da ditadura e as da imprensa. Esta, esteve ao lado do golpe militar de 1964 e nos momentos mais duros do regime militar foi cúmplice dele. Todos os meios de comunicação de nossa grande imprensa valeram-se dos recursos do jornalismo para apoiar o regime. Não havia inocência no jornalismo praticado.

Houve, no entanto, a cumplicidade mais nítida. No caso do golpe, sabe-se, diretores de meios de comunicação envolveram-se diretamente na articulação, têm responsabilidade com o sangue derramado.

Depois, alguns se arrependeram, e talvez o caso mais evidente seja o do *Correio da Manhã* – após apoiar entusiasmaticamente o golpe, percebeu o engano, passou a combater os excessos do novo regime e foi massacrado.

Lembro de Marx, no *Dezoito Brumário*, a burguesia chamada a espada, e depois a espada se volta contra ela. Assim, com parte da imprensa, aquela que se iludiu com a espada, como se ela pudesse ser benevolente ou democrática. Nunca é.

A imprensa brasileira ainda não foi devidamente diagnosticada quanto ao procedimento dela em relação à ditadura. Estamos a meio caminho. O trabalho de Beatriz Kushnir produz um diagnóstico rigoroso em relação ao grupo *Folha*, ao revelar as relações de cumplicidade completa entre ele e a ditadura, ao envolver-se diretamente no combate aos partidos e organizações revolucionárias. Tudo isso foi antecipado por ela, e como resultado, insista-se, de pesquisas cuidadosas, criteriosas.

Cumplicidade sem reservas

a terra é redonda

"Tá legal, eu aceito o argumento, mas não me altere o samba tanto assim", nosso Paulinho da Viola ajuda. Que utilizem o chamado jornalismo para apoiar um regime de terror como inaugurado em 1964, a perdurar por terríveis 21 anos, vá lá seja, e isso é modo de dizer por que, do meu ponto de vista, é inaceitável o jornalismo servir a isso, mas serve, e sempre serviu, lamentavelmente.

Agora, ir além, transpor a fronteira, deixar de lado todo e qualquer escrúpulo, e um grupo de comunicação resolver, no decurso de um regime militar, meter-se diretamente no combate, juntar-se aos órgãos repressivos, aí é demais também. É quase inimaginável. Não me altere o samba tanto assim. O grupo *Folha* invadiu o sinal, transpôs a fronteira.

Pode acontecer de pesquisas em torno de outros meios de comunicação descobrirem o envolvimento direto no combate às organizações revolucionárias, mas foi Beatriz Kushnir, ao estudar o período, a revelar essa política do grupo *Folha*, e não tem outro termo senão chamar de uma política, uma diretriz, porque era. Esse ineditismo ninguém há de tirar dela, e correndo todos os riscos. Não mais de prisão. Outros riscos.

Conhecida a relação entre empresários e órgãos de repressão, e isso tem vindo à tona com mais força nos últimos tempos. Mas essa cumplicidade entre um meio de comunicação e a repressão, envolvimento direto, sem qualquer sutileza, repressão política e jornalismo totalmente imbricados, tal cumplicidade não pode ficar silenciada, e Beatriz Kushnir tirou essa política da obscuridade, iluminou-a.

Teve o mérito, e isso tem sido pouco destacado, de retirar das sombras a imprensa revolucionária, deu voz àquela imprensa, a voz dos revolucionários, denunciando a cumplicidade do grupo *Folha* com a ditadura. Antes de chegar a isso, observemos a *Folha* se desnudando.

Entre as páginas 332 e 333, a *Folha da Tarde* e a própria *Folha de S. Paulo* rasgam a fantasia, no editorial "Banditismo".

E como diz Beatriz Kushnir, pela voz do dono, Octávio Frias de Oliveira, primeira e única vez a escrever e assinar um editorial.

Na peça, chamemos peça, Oliveira passa recibo: revela terem sido incendiados dois carros, parcialmente destruídos por "um bando de criminosos, que afirmaram estar assim agindo em 'represália' a notícias e comentários estampados em nossas páginas".

De alguma forma, o editorial acabava por revelar a colaboração do grupo com os órgãos repressivos, ao ensejar a utilização dos carros da empresa para ações repressivas, com todas as consequências.

A peça é um primor. Por sua natureza nitidamente policialesca. Com linguagem própria do submundo daquele tempo. Pelo caráter ditatorial. Por defender o terror. Diz não distinguir terrorismo de banditismo.

Terroristas, na compreensão dele, Octávio Frias de Oliveira, do que sejam terroristas, devem ser caracterizados como marginais. No Brasil, não há lugar para terroristas - por terroristas o grupo *Folha* entendia todos os envolvidos na luta contra a ditadura. Define a ditadura assim: governo sério, responsável, respeitável e com indiscutível apoio popular. Governo a levar o Brasil pelos seguros caminhos do desenvolvimento com justiça social.

Está lá, em letra de forma. "O país, enfim, de onde a subversão - que se alimenta do ódio e cultiva a violência - está sendo definitivamente erradicada, com o decidido apoio do povo e da imprensa. Essa mesma imprensa que os remanescentes do terror querem golpear".

a terra é redonda

Diário Oficial da OBAN

A ditadura, sobretudo a face mais obscura dela, não necessitava de assessoria de imprensa. Tinha o grupo de comunicação dela, o mais próximo. Não bastassem os demais meios de comunicação, todos no mínimo benevolentes com o regime militar, este tinha os veículos do grupo *Folha* ardorosamente ao lado.

E com um linguajar, um pensamento em conformidade completa com a ideologia e a prática castrenses, a favor do terror, das prisões, dos sequestros, das mortes, dos desaparecimentos. Nem escondia isso.

Breve digressão. O velho Júlio de Mesquita Neto, quando dirigia o *Estadão*, recebeu Carlos Navarro Filho, chefe da sucursal da Bahia. Foi informá-lo de matéria explosiva, a ser feita por mim e por ele: ouvir Theodomiro Romeiro dos Santos, o sujeito mais procurado pela ditadura naquele momento, 1979, pois havia fugido da prisão recentemente. O velho conservador aceitou fosse feita a matéria. Fez apenas uma recomendação:

"cuidado para não dar rastros à polícia".

Dignidade, sem haver qualquer desconhecimento de o *Estadão* ter apoiado entusiasticamente o golpe de 1964. Fizemos a reportagem, com os rigores da clandestinidade, e no dia da publicação dela pelo *Estadão*, Theodomiro asilou-se na Nunciatura Apostólica, em Brasília. Dignidade, fazemos questão, eu e Navarro, de registrar.

Grupo *Folha*, nenhuma dignidade. Orgulhava-se da condição de aliado incondicional da ditadura, pau pra toda obra, como Kushnir demonstra à larga. No dia 21/9/1971, revolucionários tocaram fogo em duas camionetas do grupo *Folha*. Outros veículos seriam incendiados, na sequência.

E a imprensa clandestina da Ação Libertadora Nacional (ALN), jornal *Venceremos*, responde ao editorial de Octávio Frias de Oliveira, duramente. "Aí denunciou-se ao povo que realmente é um fascista convicto e colaborador da repressão brasileira".

Porta-voz da OBAN – assim conhecido o jornal *Folha da Tarde*, com toda razão.

E a *Folha de S. Paulo*, com o editorial escrito pelo dono, assinou embaixo, não fosse, ela própria, parte de toda aquela política. Parte ativa e consciente. Política defendida pelo dono.

Em meados de 1984, Diretas à vista, marketing chamando, o grupo demite Antônio Aggio. Com isso, pretendia ter apagado aquela história, como se uma virada editorial pudesse enterrar o passado. Não pôde. Havia um documento para a história, implacável: o livro.

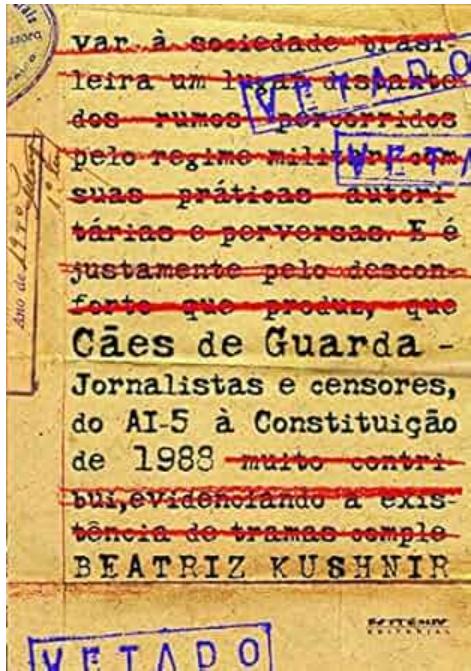
O livro de Beatriz Kushnir.

Está aí para o desfrute das novas gerações. E das gerações maduras. O livro impediu o sepultamento do passado. Esse mérito, ninguém conseguirá tirar de Beatriz Kushnir.

***Emiliano José** é jornalista, escritor, membro da Academia de Letras da Bahia.

Referência

a terra é redonda



Beatriz Kushnir. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo, Boitempo, 2004, 408 págs. [<https://amzn.to/43xZIrf>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

<https://amzn.to/43xZIrf>